

Pessoa's em cena

Carlos Porto

Está dito e redito que o teatro de Fernando Pessoa foi a sua criação do «drama em gente», ou seja, dos heterónimos, teatro interior, portanto, e não os textos que ele escreveu, mais ou menos, com forma dramática, como **O Marinheiro**. Compreende-se por isso a tentação dos nossos criadores teatrais em pôr no palco não o teatro, quase inexistente, do autor de «A Tabacaria», mas a sua própria e dramodivida personalidade. Nem por isso, Pessoa deixou de aparecer no palco, como dramaturgo ou como autor de extos dramatizáveis, em espectáculos que se situam normalmente entre o recital e o teatro, entre o teatro e a «performance». Foi naturalmente no ano que está a acabar, ano mais ou menos necrofílico, que se registaram mais tentativas de levar Pessoa à cena, de fazer de Pessoa autor/personagem teatral. Com resultados variáveis, como seria de esperar.

A mais antiga memória que guardo de Pessoa em palco é a de um espectáculo do Teatro Universitário do Porto, espectáculo dirigido por António Pedro e constituído pelos textos: **Pranto de Maria Parda** e **Monólogo do Vaqueiro**, de Gil Vicente, **O Marinheiro**, de Fernando Pessoa e, **Juramento de S.angue**, de Ramón del Valle-Inclán, esta inédita em Portu-

gal. Foi em 5 de Maio de 1966 no Teatro S. João, e o espectáculo provocou alguma sensação pelo tempo que fez esperar o público que enchia a sala. E que havia problemas com a censura que acabou por não autorizar a representação da pecinha de Valle-Inclán, o que deu direito a uma prolongada pateada. Convém lembrar estas coisas imbecis do antigamente a quem já as esqueceu, ou a quem não as conhece.

O texto pareceu-me então dum irremediável fraqueza cénica, embora Fernando Pessoa fosse desde os anos 50 uma das minhas mórbidas paixões poéticas. Jovens sem experiência dificilmente poderiam dar ao texto a teatralidade que dele anda arredia, como Álvaro de Campos sabiamente opinava. É interessante verificar que do elenco deste espectáculo fazia parte Manuela Melo, que viria a ser uma grande esperança do teatro português até ser hoje uma das poucas certezas da RTP (infelizmente para o teatro).

O Marinheiro, portanto. Embora admita que tenha ficado algum pelo caminho, só volto a encontrar o texto de Pessoa em 1983, Abril, na Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II, integrado num espectáculo intitulado **Teatro do Orpheu**, com **Antes de ecomegar**, de Almada, e **A Alma**, de

Mário de Sá Carneiro e António Ponce Leão, encenações de Sinde Filipe. **O Marinheiro** foi a estreia no teatro do cineasta António de Macedo, com Paula Mora, Amélia Matta e Lúcia Maria, leitura que tinha como porto de partida uma concepção oculista do poema dramático de Pessoa.

Continuamos com **O Marinheiro**. Foi em Faro, com o Teatro-Laboratório de Faro, numa encenação de Luís Aguilhar, que encontramos, em 1984, Maio, a mais bem elaborada, a mais cenicamente rica das interpretações da obra. Graças a um conjunto de espelhos bem colocados o espectáculo remetia o poema «para o seu lugar próprio: o espaço do duplo.» A composição das três personagens, a marcação e a qualidade da interpretação de Geneviva Faísca, Isabel Pereira e Rosa Estêvão, faziam o resto.

Ainda e finalmente com **O Marinheiro**, desta vez integrado num espectáculo dos alunos do 2.º ano do Curso de Actor da Comuna, dirigido por João Mota, colagem que incluía a «Odem Marítima» e «Mestre, Meu Querido Mestre», que dava o título ao espectáculo. Escrevi então: «Há neste exercício um excesso de ascetismo, uma recusa de teatralidade que impede a nossa adesão», isto sem pôr em dúvida a seriedade dos jovens actores e do encenador. Aliás, valerá a pena citar os seus intérpretes: Alfredo Brissos, Cecília Sousa, Edite Martins de Carvalho, Leonor Conceição e Vítor José.

Outro poema dramático de Pessoa, este ainda mais impossível se assim posso dizer, é **O Primeiro Fausto**. Encontramo-lo como corajosa, excessivamente corajosa, prova exame de um aluno do 4.º anos do Conservatório Nacional, Luís Pavão em Agosto de 1980. O poema de Pessoa não passou, como não podia passar naquelas circunstâncias. De **O Primeiro Fausto** Luís Miguel Cintra



Miguel Yeco em «Fernando Pessoa»

apresentou, com Márcia Breia e Ruy Furtado, uma leitura impressionante no Centro de Arte Moderna. Estreado em Paris, no Forum des Halles, em 23-5-1985, o recital foi apresentado em Portugal, no CAM, 22-7-1985. Tenha-se em conta a propósito a qualidade da música de Paulo Brandão e o admirável texto publicado por Manuel Gusmão no respectivo programa.

Chegamos às «performances» de Miguel Yeco que durante alguns anos apresentou os seus trabalhos em sítios diversificados, por exemplo o A.R.C.O. e a Sala Experimental do Teatro Nacional. Trabalhos, a meu ver irregulares, com alguns momentos fortes, outros menos conseguidos, mas que demonstraram, pelo menos, o interesse daquele artista pela obra do genial poeta.

Por vezes, Pessoa passou por espectáculos dedicados a outros artistas, ou com outros artistas. Foi o caso, por exemplo, de

Almada, Dia Claro, guião e antologia de Augusto Sobral, encenação de Castro Guedes, no CAM (27-9-1984), em que José Wallenstein compunha notavelmente a personagem Pessoa. Foi o caso, menos interessante, do espectáculo «**Orpheu**» com **poemas de Pessoa, Sá-Carneiro e Almada**, do **oficina dança, coreografias de Águeda Sena e Stephen Bland**, com direcção e **dramaturgia de Seme Lufti (Teatro Aberto-Março de 1981)**. Espectáculo em que, de resto, Pessoa tinha uma presença excessivamente apagada.

Três espectáculos houve que merecem uma referência especial. Foram eles **Fernando (Talvez) Pessoa**, peça de Jaime Salazar Sampaio, encenação de Artur Ramos, estreia no Teatro Nacional D. Maria II, em Março de 1984, com vários intérpretes pessoanos (António Rama, Pessoa ele mesmo, Varella Silva-Alberto Caeiro, Rogério Paulo-Álvaro de Campos,

Curado Ribeiro-Ricardo Reis, Carlos Cabral, Bernardo Soares). Texto ambicioso (publicado na colecção «Teatro Vivo» da Plátano), espectáculo ambicioso, em que se deve citar o cenário de Emília Nadal, a música de António Vitorino de Almeida, e a magistral interpretação de São José Lapa, no menino de Pessoa, espectáculo a que faltava talvez o golpe de asa que Fernando Pessoa, que a poesia de Fernando Pessoa exige. Em relação a Jaime Salazar Sampaio deve ter-se em conta a importância que a obra de Pessoa assume em relação à sua prática de poeta e dramaturgo, obra que de resto tem estudado em profundidade como o demonstram os três volumes antológicos organizados conjuntamente com Isabel Pascoal.

Outro espectáculo importante, menos ambicioso mas, a meu ver, mais interessante na sua modéstie, foi **O Esfinge Gorda** (Fernando Pessoa e Mério de Sá-Carneiro, sobre um



«O Marinheiro ou Hamlet e o Pavor do Desconhecido» com Laura Soveral, João d'Ávila, Isabel Ruth e Glória de Matos

arco iris CONCURSO RTP

NOME _____ IDADE _____
 MORADA _____
 LOCALIDADE _____ COD. POSTAL _____
 TELEFONE _____
 2º ELEMENTO: NOME _____ IDADE _____
 3º ELEMENTO: NOME _____ IDADE _____

ADIVINHA _____

123 CONCURSO RTP

NOME _____
 Idade _____ Profissão _____
 Morada _____
 Localidade _____
 Cod. Postal _____ Telefone _____
 Freguesia _____
 Concelho _____
 Tem televisor? _____ N.º Licença _____

acompanhante _____
 Parentesco ou relação _____
 Idade _____ Profissão _____

IMPORTANTE: Preencher em letras maiúsculas, recortar pelo tracejado, colar em postal dos Correios e enviar para Concurso Um, Dois, Três, Apartado 4315 - 1508 Lisboa Codex.



Francisco Pestana em «O Esfinge Gorda»



Os restos mortais de Fernando Pessoa: a trasladação dos Prazeres para os Jerónimos

palco, diálogo impossível frente a um espelho), concepção, dramaturgia e encenação de Mário Viegas, com o Novo Grupo (Teatro Aberto 26-3-1985), em que a personagem Sá-Carneiro dizia os textos de Pessoa, e a personagem Pessoa os textos de Sá-Carneiro, de tal maneira eram profundos, nesta concepção, orelacionamento entre os dois Poetas, tão fortes vínculos (culturais, estéticos, sociais, humanos, potencialmente sexuais), que os uniram apesar da distância que os separava, que um é outros justificam que um se identificasse totalmente com o outro sob um ponto de vista psicológico, como então escrevi. Intérpretes das duas personagens, Melim Teixeira e Francisco Pestana.

Finalmente, o terceiro dos espectáculos referidos. É o mais antigo: **Drama sem Gente**, exposição teatral sobre Fernando Pessoa. Dramaturgia e Encenação: Paulo Filipe. Interpretação: Paulo Magalhães, Helena Sousa, Paulo Filipe, etc. Grupo Íbis, grupo de teatro do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, em 4-12-1981. «Não sei se é sonho se é vida...», escrevia eu em título citando o Poeta. Quase quatro anos depois, é a mesma sensação de irrealidade que continua a experimentar.

Espectáculo-percurso, este trabalho sobre Fernando Pessoa fazia o público correr vários espaços em que cada um dos quais encontrava imagens, vozes, seres pessoais — aqueles inesquecíveis jovens «conseguiram transformar a poesia do autor de «A Tabacaria» num espectáculo que não traía nem a poética nem o teatro. Deixem-me citar: «Caramba! não pode ser! Certamente sonhei: um grupo de jovens atirar cá para fora um espectáculo sobre Fernando Pessoa que não se limita a ser uma mera reprodução mas é uma criação à volta do poeta e da obra do poeta, da autodra-

matização do poeta, e é ao mesmo tempo um espectáculo revolucionário como o exige qualquer criação que se queira digna de pessoa! Revelação de cada um e de todos (mesmo que sejam diversas as possibilidades de cada um), espectáculo saudavelmente provocatório, emocionante sem deixar de arancar algumas boas gargalhadas. Caramba! um espectáculo cheio de imaginação sobre o imaginário de um poeta multi-imaginativo! Redescobrir Pessoa nestes rapazes e nestas raparigas que se assumem como tais e como os **Outros**, como actores que se expõe e como personagens em acção, como intérpretes que se heteronimizam, redescobrir Pessoa, e os Vários Pessoas, como se fosse uma descoberta, nestes rostos jovens, anónimos e no entanto estranhamente familiares, é obra, convenhamos». E algures uma jovem tocava em acordeão uma balada de Brecht-Weill...

O que me espanta é que neste cinquentenário não haja quem exija a reformulação deste espectáculo!

Falar de Pessoa é também falar de outros... por exemplo Pirandello, lembrou-o Luiz Francisco Rebello numa comunicação realizada no Instituto Italiano em Novembro de 1983: «Foi Pessoa, de todos os nossos escritores, indiscutivelmente, o que mais se aproximou de Pirandello... pela genial concepção do 'drama em gente em vez de em actos' que é a invenção dos seus heterónimos, as várias individualidades em que desdobrou a sua multimoda personalidade e que ele avisou deverem ser 'consideradas como distintas do autor delas', formando 'cada uma espécie de drama' tal como afinal as 'máscaras nuas' de Pirandello».

Falar de Pessoa no teatro seria falar também de recitais de Poesia desde Manuela Porto a João Villaret, Maria Barroso, Vasco de Lima Couto, mais recente-

mente Mário Viegas (este ano no TEP, por exemplo), Eunice, João d'Ávila, Paulo Autran, e muitos outros. E é voltar a falar da inclusão de textos seus em espectáculos como **Drakula's Concert**, do grupo Maizum, encenação de Adolfo Gutkin, em 1982; **Apaixão — Fim de Estação**, dramaturgia de Alberto Lopes, encenação de São José Lapa, no Ritz Clube em 1984; e ainda hoje, na Sala Experimental do Nacional, no texto de E. M. Melo e Castro **Cena Impossível — ou Ritmo-Ri-Rima**, encenação de João d'Ávila, com um poema de Alberto Caeiro: **Li hoje quase duas páginas/Do livro de um poeta místico...**

Mas é como comecei que quero acabar: com **O Marinheiro**. Também na Sala Experimental do Teatro Nacional D. Maria II, de 19 a 24 de Novembro de 1985, um espectáculo que marcou o reaparecimento do Grupo Fernando Pessoa (1960-1985): **O Marinheiro ou Hamlet e o Pavor do Desconhecido**, textos de Pessoa e Shakespeare, dramaturgia e encenação de Norberto Barroca. Um belo espectáculo com Isabel Ruth, Glória de Matos, Laura Soveral e João d'Ávila. Um dos grandes momentos das comemorações pessoais. Foi depois de ter visto este espectáculo, hora e meia sem pestanejar, que a minha vizinha Sofia, agora com seis anos, disse peremptoriamente, quero fazer uma poesia sobre Fernando Pessoa. E, sem hesitar, ditou-me o seguinte que depois viria a copiar à máquina:

**O Fernando Pessoa
Tem asas e anda no ar
A Brincar.**

A brincar, isto é muito a sério, eis a melhor forma de terminar esta teatralada pessoal (e pessoal).

P.S. — O TAS estreou um outro Pessoa — **O Menino de Sua Mãe** — uma encenação de C. César e C. Curto, que ainda não vi.

“Som da Malta - Antena 1 ao Vivo”

Encerramento é em Lisboa dia 11

Realiza-se no próximo dia 11, o último concerto do «Som da Malta/Antena Um ao Vivo», a encerrar toda uma série de espectáculos que percorreu o país entre Julho e Outubro e que foi aplaudida por mais de 25 mil pessoas.

Este último «Som da Malta» terá lugar no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa, e é especialmente dedicado àqueles que ainda não tiveram oportunidade de assistir a esta «festa» itinerante da Antena 1.

Além dos artistas presentes nestes quatro meses de estrada, C. Alberto Moniz, Dina, Mídis, Pedro Barroso e Samuel, mais de uma dezena de compositores estão neste momento a trabalhar com o maestro Pedro Osório, que assume a direcção musical do espectáculo. Maestros como Jorge Machado, Tavares Belo, Joaquim Luís Gomes, Carlos Alberto Moniz, Correia Martins, José Mesquita, Luís Duarte, Armindo Neves e Tomás Pimentel, irão dirigir os 33 elementos que integram a Orquestra Ligeira da Radiodifusão Portuguesa em temas por eles exclusivamente concebidos para este «Som da Malta».

Entre os músicos convidados, figuram os nomes de Rui Veloso, João Maló, José Oliveira e

Tomás Pimentel, que executarão temas instrumentais inéditos.

Falámos com Amando Carvalheda, realizador desta estação de rádio e principal responsável por esta iniciativa.

«Não tenho, neste momento, quaisquer dúvidas que este espectáculo irá movimentar o maior número de músicos, maestros e compositores até hoje conhecido no nosso país, à excepção dos Festivais da Canção, o que por si só tem um valor específico» — salientou. — «Por outro lado, a receptividade e a adesão que a juventude das escolas secundárias da capital tem vindo a demonstrar é sinal da falta de concertos a ela destinada com outras características que não sejam as do 'rock'».

Segundo A Carvalheda, o último «Som da Malta» irá assumir-se como festa, onde o espaço de baile terá lugar. Pretende-se dessacralizar o conceito de espectador passivo, convidando-o a dançar quando para isso se sentir motivado.

Para o promotor do «Som da Malta», a qualidade dos músicos da Orquestra Ligeira da RDP vai ser evidenciada especialmente no final do espectáculo, quando são dirigidos ininterruptamente por dez maestros.

«Será demonstrada inequivoca-

mente a qualidade destes músicos e também o seu poder de adaptação, características de uma orquestra de dimensão europeia», defende Amando Carvalheda.

Opinião também partilhada pelo maestro Pedro Osório, que se mostra convencido das reais possibilidades desta orquestra que, a ser dotada de meios humanos e materiais, poderá competir seriamente com as melhores orquestras da Europa e que estão ligadas a organismos como a Radiodifusão e a Radiotelevisão.

«Este concerto significa uma justa valorização dos músicos deste país», conclui o director musical deste «Som», que vai contar também com a participação de uma classe de dança jazz do Clube Atlético de Alvalade — o «Alvajazz» — com coreografias do professor Fernando Reis.

Este espectáculo vai ser gravado pela Radiotelevisão Portuguesa para posterior transmissão e conta com o apoio da Comissão para o Ano Internacional da Juventude, Câmara Municipal de Lisboa e Rodoviária Nacional, graças aos quais, pelo preço de uma ida ao cinema, quatro jovens poderão assistir ao «Som da Malta» no próximo dia 11.

António Carmo expõe na Galeria de S. Mamede

António Carmo inaugura esta tarde, a partir das 19 horas, uma exposição de 21 guaches, na Galeria S. Mamede (Rua da Escola Politécnica, 167). Nascido em Lisboa em 1949, o pintor que frequentou a Escola de Artes António Arroio, já realizou até agora várias exposições individuais na Holanda, Inglaterra, Venezuela e Bélgica, estando

representado em museus da Itália, Guiné-Bissau, Angola e, em Portugal, nos museus Tavares Proença e Grão Vasco, respectivamente em Castelo Branco e Viseu.

Hugo Beja, em texto para o catálogo da exposição na Galeria S. Mamede, intitulada António Carmo — a essência dum poema pictórico», escreve que o

pintor nascido na Madragoa mas com o coração repartido pelo Alentejo, «escapa ao fogo-fátuo dos modismos da facilidade consumista, e opta resolutamente, generosamente, pela límpida transparência das nossas raízes que aí estão, no seu frêmito reverdescente, à espera que as coloquemos na altura do nosso projecto criador mais fecundo».



António Carmo enquadrado por uma pintura da sua autoria

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SINTRA ANÚNCIO

Proc.: 4240/84-C. P.
1.º Juízo — 1.ª Secção

O DOUTOR, ADÉRITO PEREIRA BRAZÃO DE CARVALHO, juiz de Direito do 1.º Juízo — 1.ª Secção do Tribunal Judicial de Sintra.

FAZ SABER, que no dia 20 de Dezembro de 1985, pelas 11.30 horas no Tribunal desta Comarca, na Execução Sumária que o Banco Português do Atlântico move contra a Tinturaria Cambournac (processo 9551 da 1.ª Secção do 2.º Juízo Cível de Lisboa), com sede na Quinta do Papel, no Cacém, não-de ser postos em praça para serem arrematados ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, duas máquinas industriais.

E para constar se lavrou o presente edital e outros de igual teor que serão legalmente afixados.

Sintra, 19 de Novembro de 1985

O JUIZ DE DIREITO
Adérito P. Brazão de Carvalho
O Escrivão Adjunto
Jacques Coita

«D.L.» — 3/12/85 — 2.ª Pub.